2.ª SERIE. TOMO II.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

N.º 19. QUINTA FEIRA, 14 DE FEVEREIRO DE 1850. 9.º ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

DAS VANTAGENS DA INTRODUCÇÃO DA BETTARRABA COMO PENSO PARA O GADO, E EXPERIENCIAS DE SUA CULTURA EM PORTUGAL FEITAS PELO SR. A. HERCULANO.

302 *Si vous voulez des blés, faite-vous des prés*, disse Dombasle; eis um verdadeiro afforismo da sciencia agronomica: tradusamo-lo assim; não ha boas colheitas sem estrumes, não ha estrumes sem gado, e não ha gado sem pastos. A deducção d'estes termos, a sua mutua relação é rigorosa e infallivel: n'este pequeno numero de factos assenta toda a prosperidade agricola. Persuadam-se d'isso os nossos lavradores, e abandonem esse rutineiro e vicioso systema de cultura, pelo qual subtrahem á utilissima e indispensavel producção das plantas de forragear os tractos de terra, que lhe deveram ser racionalmente destinados.

Admittamos, um momento, a hypothese—não provada—de que a producção do trigo ainda não basta para o nosso consumo; que pertendeis dedusir d'aqui? —Será que se deve, pura e simplesmente, ampliar a área votada á cultura d'aquella preciosa graminea? Enganae-vos: é mister primeiro appropriar as terras para as differentes especies de cultura, e depois accrescentar-lhes a sua potencia productiva, melhorando os processos de laboração, augmentando os adubos, affolhando intelligentemente. A questão da concurrencia dos nossos cereaes com os de Hispanha, acha n'este acertado alvitre a sua melhor solução. Esforcem-se em multiplicar a fecundidade de nossas campinas, em diminuir as despezas de producção, e poderão, com o mesmo ou maior lucro, vender os generos por mais baixo preço no mercado.

Uns dos pontos capitaes da nossa reforma agricola é, como diziamos, o progressivo desenvolvimento da cultura das plantas pratenses. Julgaes que vos dou aqui um simples principio theorico?—Olhae para a Inglaterra, Hollanda e Belgica, e vêde como estas tres nações, as mais adiantadas em agricultura, devem a sua immensa riqueza agricola ao successivo incremento das forragens; elle lhes permittiu multiplicarem prodigiosamente o numero de cabeças do seu gado, e por conseguinte a massa d'estrumes accumulados, para adubarem as suas terras.

Ainda no meado do seculo passado a producção bruta da agricultura ingleza era de 160 milhões sterlinos (720 mil contos); hoje esta producção eleva-se a 539 milhões sterlinos (2,425,500 contos); cifra espantosa! Graças principalmente á introducção, e successivo desenvolvimento da cultura das boas plantas de forragear.

Sabeis que expediente adoptou a pensadora e reflectida Alemanha para erguer a sua agricultura do estado de abatimento em que se definhava?—Foi o de augmentar a producção das suas forragens, e melhorar o penso dos gados, que passaram, em geral, a nutrir-se no estabulo; n'isso se cifra todo o segredo dessa immensa e proficua transformação agricola, que ainda hoje alli se opera, e que bem depressa a collocará ao par dos paizes mais adiantados.

Ha 50 annos, a Alemanha destinava $\frac{4}{5}$ do seu solo aravel á producção de cereaes, e $\frac{1}{5}$ apenas para a cultura de forragens: agora é exactamente o contrario; mais de $\frac{3}{5}$ do terreno laborado são consagrados á cultura das forragens, $\frac{2}{5}$ escassos aos cereaes.

Quereis saber o resultado desta reforma?

Ha 50 annos o gado era insufficiente, o estrume escaceava, e, em despeito dos esforços do agricultor, o solo fatigado não dava senão más colheitas; actualmente a creação do gado, de todas as especies, está n'um estado florescente, e a terra é fertilisada por copiosas estabulações; o trabalho do lavrador tornou-se menos penoso e fatigante, ao mesmo passo que a producção agricola triplicou. É mister saber, que o producto bruto da agricultura constitue alli perto de $\frac{6}{7}$ do redito nacional, para conceber todo o alcance da palavra *triplicar*.

A França, guiada pelos conselhos de seus mais distinctos agronomos caminha, apoz a Allemanha, sob o influxo do mesmo pensamento regenerador de sua agricultura. Em presença de factos tão evidentes, tão palpitantes de verdade, quem ousará ainda negar a proficiencia de uma egual reforma entre nós?

A cultura das forragens está atrasadissima em Portugal. O pousio ainda esterilisa muitas de nossas terras; os prados artificiaes constituem uma fracção minima do sustento do gado; os prados naturaes são in-

sufficientes. Não ha um systema d'irrigações nos sitios onde mana a agua natural, nem se tem estudado o modo de aproveitar os terrenos aridos com plantas que lhes são proprias; a variedade da producção existe quasi proscripta pelos nossos methodos anachronicos e irracionaes de culturas exclusivas. Na creação e penso dos gados não ha systema algum; n'esse ponto estamos n'um perfeito estado da infancia da arte.

Não intentamos tratar agora aqui, com a extensão que ella demanda, esta interessantissima questão das forragens. Vamos insistir particularmente em um de seus pontos, que nos parece ter alguma novidade, e muita importancia.

A grande objecção que os nossos agricultores oppõem á creação das vaccas, e por consequencia á feitura do queijo e manteiga (que ainda importamos do estrangeiro), e á accumulação de copiosos estrumes nas suas granjas, é a falta de penso verde no estio. Os lavradores do norte da Europa tem o mesmo embaraço no inverno, por causa dos grandes gêlos, que alli matam toda a vegetação. Este embaraço resolvem-n'o elles principalmente com a bettarraba. Nós podemos resolve-lo com a mesma planta, e com muita maior facilidade e vantagem.

A bettarraba póde cultivar-se em quasi todos os terrenos, mas prefere os de alluvião. Não carece da agua de rega. A sua cultura melhora e prepara o solo, em vez de o fatigar. De todas as plantas que se criam para o gado, nenhuma, diz Dombasle, existe cuja cultura possa generalisar-se com mais proveito nas explorações ruraes. É excellente para affolhamento, e póde substituir vantajosamente o pousio: M. de Gasparin considera-a ainda mais util á França neste ponto, que pelo assucar que fornece.

A betarraba não serve unicamente para as vaccas, é optimo alimento para toda a especie de gados.

Esta preciosa pentandriadigynia não se limita a dar o bulbo, que muitas vezes pesa de 8 a 10 libras, e que é excellente recurso para nutrir o gado durante as seccas do verão, ella tambem constitue um verdadeiro prado artificial, pela grande quantidade de folhas que produz, e que o gado come com avidez; fazem-se, ás vezes, sete apanhas successivas destas folhas.

A creação e cevadura de gados é uma das industrias mais rendosas na Inglaterra, em Allemanha, e na França. Entre nós alguma coisa se faz já neste genero no Alemtéjo, com o gado suino: isso porém não basta; é mister estender esta industria ao gado lanigero e vaccum, cujas raças carecemos melhorar, e cuja exiguidade demanda um grande incremento. Sem a bettaraba seria muito difficil tentar com vantagem empresas desta ordem.

Finalmente a cultura da bettaraba, dirigida com acerto, é, segundo as rigorosas experiencias de Dombasle, duas vezes mais productiva, que a do fêno.

A introducção desta planta é pois incontestavelmente da maior utilidade entre nós.

Á officiosa amisade do Sr. A. Herculano devemos os importantes esclarecimentos praticos que vamos publicar em seguida: foi cedendo a nossos rogos que elle nol-os communicou. O illustre historiador, tendo sempre em mira a prosperidade da nossa terra, que tanto lhe deve, occupa os intervallos de suas lucubrações litterarias nestas experiencias agronomicas n'uma pequena granja modelo, onde tivemos a fortuna de o accompanhar algumas vezes.

Novo Walter Scott, o S. A. Herculano sabe alliar á mais vasta erudição litteraria deste paiz, o gosto e profundo conhecimento da agricultura. O seu nome só é sufficiente abonação de seus preceitos.

« As bettarabas em Portugal (é o Sr. A. Herculano quem falla) devem ser semeadas, nas primeiras aguas, em terra bem estrumada. A terra deve ter sido lavrada profundamente, e melhor se tiver levado já um ferro no verão.

« Devem semear-se em camalhões, cujos vertices distem 2 e meio a 3 palmos. Levam uma sacha, com o sacho a cavallo ou á mão quando se vê que a herva começa a affogal-as (ordinariamente em novembro). Por esta occasião deshastam-se, deixando-as na distancia de 2 palmos, de pé a pé. Dá-se-lhes outra sacha, em Janeiro ou Fevereiro, segundo o estado de crescimento. Nesta sacha descalça-se um pouco o pé da planta, ao contrario do milho que se amontoa.

« O melhor methodo é o da transplantação.

« A planta cria-se em creadeiros feitos nos fins de Agosto ou principios de Setembro, em chão bom de horta. Nelles a sementeira deve ser rara, para a planta vir vigorosa. Os creadeiros enfezam, em regra, as plantas para sempre.

« A terra deve ser lavrada de vez, depois de nascidas as primeiras hervas de inverno, para as matar, poupando-se assim a primeira sacha. Lavrada, estorroada, gradada, mette-se-lhe o arado de novo e armam-se os camalhões, como para as semeadas. Isto deve fazer-se, quando as plantas tenham no creadeiro ao menos a grossura de uma penna de escrever.

« A experiencia tem ensinado que quanto maiores se transplantam as betarrabas mais formosos bulbos criam depois. O tempo em que ordinariamente estão em estado de transplantar é nos fins de Outubro ou nos principios de Novembro. Para a transplantação usa-se de preferencia ao sacho de mão, de um páu aguçado, ou ferro, que se vae cravando no vertice do camalhão, a distancias eguaes, e mettendo a planta, de modo que a raiz fuziforme se não dobre.

« Cumpre advertir duas coisas; 1.ª que se não corte a extremidade da raiz, como os nossos hortelões costumam fazer, o que não é tamanho erro como dizem certos agronomos (do gabinete) mas que nesta planta seria inconveniente. A experiencia ensina, que as plantas de bettarraba, assim mutiladas tomam depois uma fórma arredondada, e perdem talvez um terço do volume, que alias teriam: — 2.ª é que não fique o olho da planta enterrado. Aquella a que isto succede fica sempre enfezada ainda que depois se descalce.

« Esquecia dizer que para este methodo é tão necessario estrumar bem, como para o outro. Deitado o estrume no campo, lavra-se logo, e faz-se o resto sem interrupção ou seja para semear ou para transplantar. Esses methodos complicados de estrumar, lavrar que tanto para os turnepos como para a bettarraba se usam em Inglaterra, e ainda em França, são entre nós escusados. A esperiencia ensinou que com o methodo ordinario se obtem bettarrabas de Silezia com o peso de 7, 8, 9 arrateis. Isto não que-

dizer, que esteja o estrume em pequenos montes, um e dois mezes, no campo a estragar, como fazem os nossos lavradores; quer dizer que não se gaste absurdamente tempo, e por consequencia salarios, em fazer coisas inuteis. Culturas que custam mais do que produzem, é alguma coisa mais do que ridiculo propol-as. A bettarraba póde lavrar-se a lanço sobre terra lavrada e estrumada (e não sobre restolhos como usamos e devemos continuar a usar com os nabos), mas o seu producto é diminuto.

« Em Maio ou Junho, isto é, quando os pensos verdes acabam, a bettarrada está creada, e por consequencia póde começar-se a dar ao gado.

Esta planta, que é biennal, tende entre nós a tornar-se annual. Logo em Maio e Junho começam a espigar algumas. São estas as que se vão successivamente apanhando. Como no verão a terra que ellas occupam para nada é precisa, não ha necessidade de as arrancar senão á medida que se vão dando ao gado. Isto poupa todos esses expedientes, que se empregam nos paizes do norte, para as conservar armasenadas ou em silos, expedientes não raro inefficases.

«Não vemos inconveniente em guardar semente do primeiro anno para o seguinte. Esta semente deve ser approveitada das que espigam em Julho ou Agosto. Achamos por experiencia que com bettarrabas, provindas desta semente, succedia o mesmo que com as de semente vindas de Inglaterra e de Allemanha. Umas espigavam logo em Maio, outras nos mezes seguintes, e algumas nunca até á entrada do inverno. Destas as que se deixaram ficar na terra para o verão seguinte, algumas apodreceram durante o inverno: esta experiencia repetiu-se dois annos. As que escaparam estavam magnificas na primavera seguinte; mas o seu augmento de volume era insignificante. A polpa havia tomado uma côr esverdeada e a pelle tinha-se tornado rugosa e escura; apezar disso o gado comia-as com avidez. Foi com a bettarraba da Silezia que se fizeram ambas as experiencias.

«Durante a alimentação com a bettarraba, o leite das vaccas é evidentemente mais rico do que n'outra qualquer epocha, salva na da florescencia das hervagens da primavera.

«A tendencia para se tornar annual tem pouca importancia n'um paiz, onde a difficuldade da alimentação verde só existe em regra, no estio, e onde os prados artificiaes regados não são possiveis na maior parte das terras.

«Desde Março até ás ultimas chuvas da primavera, um campo de bettarrabas é um rico prado, pela grande quantidade de folha que produz. As vaccas comem-n'a com avidez, como depois o bulbo.

«Temos observado que dando a luzerna misturada com estas folhas, nunca occorreu um caso de meteorisação, que aliás a luzerna só, produz ás vezes, sobretudo se está quente do sol. Póde ter sido acaso; mas não se deve despresar esta observação.

«Quando se apanham as folhas da bettarraba, devem-se deixar sempre seis ou sete na corôa da planta, que aliás se enfezará.

«Para dar as bettarrabas ás vaccas é preferivel cortalas longitudinalmente em tiras, do que em bocados, porque o gado mastiga-as assim melhor, e está menos sujeito a entrefolhar-se.

«A terra que deu bettarabas produz uma abundante colheita de cereaes no anno immediato.»

Taes são, em resumo, as interessantissimas experiencias do Sr. A. Herculano; as quaes temos por escusado recommendar á attenção de todos os lavradores e curiosos da agricultura.

O Sr. A. Herculano ensaiou por ora a especie bettarraba branca (beta alba) denominada bettarraba da Sylesia; agora prosegue em suas experiencias com outras especies: entre ellas está a especie côr de roza, betterraba campestre (beta sylvestre), au maugold-wursel dos allemães, que parece tambem boa para sustento do gado.

Esperamos que o patriotismo do Sr. A. Herculano, e a amisade com que nos honra, nos dará, em tempo competente, o gosto de communicar essas novas experiencias ao publico.

JOAQUIM THOMAZ LOBO DE AVILA.

LIMPEZA DA BAIXELLA DE PRATA.

303 Fervam-se em tres quartilhos de agua 8 oitavas e 24 grãos de raspa de ponta de veado reduzida a pó subtil, e na vasilha em que estiver ao lume esta decocção, mergulhem-se os objectos que se deseja limpar; poem-se depois a escorrer e a seccar ao calor.

Tirada a baixella, mettem-se na mesma agua trapos de lã bem limpos, e deixam-se embeber completamento do liquido. Depois de enxutos servem para polir a prata, e limpar tambem as fechaduras e os botões de metal amarello.

Quando os objectos estão de todo seccos, esfregam-se com pelle fina de camurça. — Este methodo de limpeza é muito preferivel ao uso de pós que contém mercurio e por isso prejudicam sempre os trastes de prata.

ESMALTE BRANCO PARA CONCERTAR A LOIÇA DE PORCELANA E A VIDRADA.

304 A substancia propria para concerto de vasos de porcelana ou de loiça de faiança deve ter côr branca pura, dilatar-se ao fogo e contrahir-se no resfriamento. Se não possue perfeitamente estas propriedades, os objectos não tardam a quebrar-se novamente, seguindo a primeira linha de ruptura. Entre os numerosos mixtos que se tem ensaiado é o seguinte o que dá melhores resultados.

Tres partes de minium.
Duas ditas de areia branca triturada finamente.
Duas ditas de acido boracico cristallisado.

Estas substancias ligam-se intimamente n'um gral de porcelana e derretem-se n'um cadinho de Hesse. A massa vitrea é vasada n'uma placa de metal, depois de esfriada piza-se n'um almofariz, e moe-se muito bem, juntando-lhe agua, sobre uma superficie de vidro polido com a moeta tambem de vidro.

Para soldar as peças de porcelana, humedece-se o esmalte com agua que contenha dissolução leve de goma adragante, e dá-se com um pincel nos pedaços que se pertende soldar. Completo o endurecimento da solda, mettem-se as peças concertadas no *moufle* (for-

nilho chimico) e dá-se-lhe calor até começarem a abrazear-se: não convem elevar o calor a ponto de fusão completa do esmalte, que sem o tornar mais duro o exporia a ficar mais quebradiço. Deixa-se então esfriar o fornilho com os objectos que contém.

MEIO DE DESCORRIR O DINHEIRO DE PRATA FALSO.

305 Mergulhando-se qualquer moeda de prata n'uma solução de chromato de potassa decomposta pelo acido sulphurico (32 partes de agua tomadas a pezo, 3 de chromato de potassa, e 4 de acido sulphurico) a prata tinge-se logo de côr purpurina, e esta reacção é de tal modo caracteristica que deve ser considerada como um methodo de ensaio, seguro e facil ao mesmo tempo, que deveria ser adoptado pelos cambistas, thesourarias e estabelecimentos monetarios.

A tintura de côr de purpura é tanto mais viva e intensa quanto mais pura é a prata, e é fraca na proporção da liga. Nas moedas em que a prata é muito pouca relativamente ao cobre, póde dar-se caso de engano sendo novas, porque teem uma leve capa, ou crusta de prata; e nesse caso é necessario encetal-as com qualquer instrumento cortante.

LIGAS DE PLATINA PARA JOIAS E ADERECES.

306 Estas duas ligas de platina parecem-se com o oiro pelo que respeita á côr, brilho e duração, e são proprias para fabricação de *bijoterias* de toda a especie.

Primeira.

3 Partes de platina.
13 « de cobre.

Segunda.

2 Partes de platina.
1 « de prata.
2 « de latão.
1 « de nickel.
5 « de cobre.

As proporções da primeira liga pódem modificar-se conforme a côr que se pertende obter.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES.

UM ANNO NA CORTE.

CAPITULO XIII.

Historia singela.

307 Uma hora passada em caza da Calcanhares, bastou para os sentimentos de Francisco d'Albuquerque soffrerem uma completa transformação. A paixão tumultuosa e cega, que o atraíra irresistivelmente para aquella encantadora mulher, tinha-se tornado n'um amor intimo, tinha-se purificado sem com tudo perder nada da sua intensidade. Margarida não era, como elle acreditara, como o suppunham todos, uma dessas mulheres perigosas e terriveis, que se servem da formosura para arrastar os homens ao crime, que, devoradas pelo fogo das paixões, sacrificam tudo aos seus caprichos e impudicas phantasias. O feliz capitão encontrava suave candura em vez de delirio, melancolia em vez de exaltação desvairada. A Calcanhares conservava a mais casta virgindade no meio de apparente corrupção.

Um homem conhecedor do coração humano, experiente nas coisas da vida, teria hesitado em dar inteira fé ás palavras da amante de Affonso VI, que todos accusavam de grandes crimes, que o povo despresava e maldizia. O moço provinciano porém, dotado de uma alma pura, leal e generosa, não teve animo para duvidar se quer da verdade do que lhe dizia, com uma voz vibrante sonora e apaixonada, uma tão bella, tão graciosa mulher. As lagrimas desprendendo-se uma a uma das palpebras rosadas de Margarida, foram apagando rapidamente do coração do credulo amante as impressões dolorosas, o vago terror, que lhe causaram as palavras dictadas pelo odio aos inimigos de El-Rei, e que as apparencias totalmente confirmavam.

A Calcanhares reunia á mimosa expressão do mais casto amor, do mais exaltado e puro sentimentalismo, a suave melancolia das almas virginaes, as perigosas paixões da mulher melancolica, que tem gasto a vida nas luctas do amor e na intriga, observando os misteriosos segredos do coração, estudando o modo de commover profundamente a alma de um amante, e de o prender captivo nos laços infrangiveis de um amor delirante.

Margarida amava com o fogo do primeiro amor; e queria ser egualmente amada. Francisco d'Albuquerque não pôde resistir ao poder fascinador desta mulher; esqueceu-lhe tudo no mundo para pensar nella só, para a adorar como se adoram os anjos.

Sentado sobre almofadas aos pés de Margarida, com o riso nos labios, os olhos fitados nos olhos della, e apertando-lhe entre as suas a mão de neve, o moço capitão estava n'um extasis de amor; sem ousar dizer uma palavra, receando

que um movimento, um simples gesto fizesse esvaecer a divina visão que o arrebatava; quando a melodiosa voz da sua amante rompeu o silencio que já durava havia alguns minutos, murmurando:

— Porque olhas assim para mim? Não accreditaste o que te disse? Julgas-me ainda má, como dantes me julgavas?

— Amo-te!.. amo-te muito — respondeu o capitão.

— Mas esse teu amor não é, não póde ser ainda o amor casto e puro, o amor que eu dezejo que me tenhas. Não me accreditaste — proseguiu ella tristemente: — julgas que eu te quero enganar, que te menti...

— Creio em ti, Margarida. Creio que és um anjo, e adoro-te! — exclamou Francisco d'Albuquerque.

— Purificas-me com a pureza do teu amor — disse ella passando-lhe a mão pelos cabellos. — Receava que amasses a minha formosura, mas que me despresasses: receava que estivesses já namorado de outra mulher...

O capitão estremeceu, e fez-se pallido ao ouvir estas palavras. — Figurou-se-lhe vêr Thereza, lavada em lagrimas, estender para elle as mãos supplicantes. Apertou com força a mão da Calcanhares, e levando-a aos labios repetiu ancioso: — Amo-te, amo-te...

— Oh! Que felicidade esta minha! Deus quizme dar allivio aos padecimentos crueis, que tenho suportado com paciencia durante dois annos! Bemdito sejaes, Senhor!

Margarida levantando as mãos, e os olhos ao céu para agradecer a Deus, era a mais pura a mais sublime idealisação da Magdalena.

— Hei de dizer-te Francisco d'Albuquerque, hei de contar-te a minha historia — proseguiu ella, depois de uma pausa. — É simples, mas quero contar-t'a, para que conheças, para que vejas se mereço odio ou compaixão; se sou criminosa como dizem todos, ou innocente. Escuta-me; quero que me julgues, e que me faças justiça. Uma palavra de amor tua, basta para me consolar do injusto despreso de todo um povo.

— Margarida, não careço saber a tua historia para te amar, para te julgar innocente. Não posso sentir já mais amor do que sinto agora por ti!

Um beijo suave, casto, angelico, uniu por um instante aquellas duas almas, que o amor arrebatava e attraía irresistivelmente uma para a outra.

« — Sou filha de militar — começou ella. — Minha mãe morreu poucos mezes depois de eu nascer; e fui até aos dez annos creada por um soldado velho, que servia no terço de meu pae; e me levava comsigo de terra em terra. Muitas noites fiquei sem abrigo no campo, muitas outras passei a chorar por não ter um pedaço de pão para matar a fome. Manuel, o meu velho protector, era um bom homem; mas o seu caracter rude, não consentia que elle comprehendesse os padecimentos e as lagrimas de uma pobre creança. Meu pae, esse só cuidava nas coisas da guerra, e nem uma vez se quer se chegava a mim, para me fazer uma caricia, ou para me dar um beijo. Padeci muito; porque já então eu sentia em mim a necessidade de amar, e via-me obrigada a recalcar no fundo do coração os meus mais ardentes sentimentos.

« Mais de uma vez corri para os braços de meu pae, e fui recebida com indifferença, quasi repellida por elle. Resignei-me a viver só; a callar quantos pensamentos vagos me passavam pela mente; a esconder as mais simples, as mais innocentes expansões da minha alma infantil. O meu amor concentrou-se todo no pobre soldado, que me queria como se eu fosse sua filha. Era eu que cuidava delle, que guardava o pão para lh'o dar depois de uma marcha penosa, que o cercava de carinhos e meiguices; era eu que pedia a meu pae, nas poucas occasiões em que se dignava fallar-me, pelo velho Manuel, e lhe fazia sentir, na linguagem candida e singella da infancia, que já era tempo de dar ao seu fiel amigo o descanço de que elle, pela sua edade avançada, carecia.

« Todos os sentimentos ternos a que a minha alma era naturalmente inclinada, se desenvolveram rapidamente. A vida irregular, livre e ao mesmo tempo comprimida pela severidade de meu pae, sem os affagos, sem os mimos, sem o amor de uma mãe para me consolar, essa vida singular que eu levava, cercada de soldados, assistindo por mais de uma vez aos combates, vendo homens morrer ás mãos de outros homens, exaltou-me o coração de modo que, aos dez annos, já eu tinha todas as paixões, todos os pensamentos de uma mulher. A mais profunda melancolia me devorava a existencia; o meu rosto tornara-se pallido, a minha cabeça curvára-se com o peso de graves pensamentos. Muitas noites passava eu em vigilia, creando na phantasia mil fórmas indefinidas, que amava um ins-

tante, mas que desappareciam antes de as poder gravar na memoria. Era um amor vago e puro, que tinha por objecto entes ideaes, que ornavam belleza e virtude, nobresa e valor.

« Uma grande desventura veio então amargurar, ainda mais, a minha triste alma. O corpo de exercito a que pertencia meu pae, havia travado batalha com os castelhanos. O estrondo da artilheria, repetido pelos eccos das montanhas, chegava distinctamente aos meus ouvidos; eu esperava anciosa pelo resultado da peleja. Parecia que me adivinhava o coração uma terrivel catastrophe; tão profunda era a dor que nelle sentia; tão grande o abalo que o agitava a cada rugido dos canhões que o vento me trazia pelas quebradas dos montes. Passou-se mais de uma hora sem que chegassem novas do campo de batalha á herdade, onde meu pae me tinha deixado. Eu era uma creança ainda, contava dez annos apenas, mas a minha afflicção era tão grande, e chorava tantas lagrimas, que a pobre gente em caza de quem ficára, fazia, mas em vão, quanto lhe era possivel para me consolar. De repente vi vir ao longe um homem correndo; era Manuel. Chegou emfim aonde eu estava. O seu rosto exprimia a mais pungente dor, e a voz tinha-se lhe suffocado pelas lagrimas, quando exclamou:

« — Está a morrer! Ahi vem quasi morto!

« — Meu pae! — bradei eu. E sem escutar a resposta de Manuel sahi de caza correndo.

« A pouca distancia encontrei meu pae gravemente ferido, conduzido em braços por alguns soldados de seu terço. Acompanhei-o chorando até o deitarem sobre uma enxêrga velha, que a gente da herdade tinha a um canto da caza, e ahi, ajoelhei em silencio, beijando-lhe a mão, que a morte começava já a regelar. Queriam ir chamar ao campo um cirurgião, para cuidar de meu pae, mas elle não consentiu; e voltando para mim os olhos turvos, disse-me com voz cava e debil:

« — Margarida, minha rica filha, vou morrer... vás ficar sem pae. Olha, filha; quero-te, sempre te queri muito. Se te não fiz carinhos, se nunca te mostrei o meu amor de pae, é... é porque me envergonhava. Perdoa-me, filha; toda a minha vida fui militar, e não sabia ser homem. Dá-me um beijo, Margarida; um beijo por todos os beijos teus, que eu não tenho querido receber. Quero-me fartar dos teus beijos antes de morrer... não torno mais a ver-te.

« Puxando-me então para si, meu pae apertou-me ao coração, e uniu as suas com as minhas lagrimas n'um beijo sublime de supremo amor paternal.

« Todos choravam os que asistiam a esta triste scena; e o velho soldado que me creára, o antigo amigo de meu pae, callado e encostado á chaminé, cobria com as mãos tremulas o rosto para não vêr.

« — Aproxima-se o instante de te deixar — proseguiu meu pae, depois de me cobrir de beijos. — Vás ficar só, filha: orphã e sem apoio. Resta-me com tudo uma esperança: e Deus ha de permittir que não seja uma esperança vã. Escuta-me. Eu prestei, como leal vassallo que sempre fui, um serviço ao Sr. D. João IV; El-Rei queria premiar..... Jesus! Que agonia esta! — queria premiar-me; e eu pedi-lhe em paga do que tinha feito, a sua protecção para minha filha; para ti, Margarida... Sua Magestade prometteu proteger-te...

« A voz do moribundo ía-se cada vez tornando mais fraca; e as palavras que elle dizia mais se podiam perceber pelo movimento dos labios, do que pelo murmurio que a custo lhe saía da garganta.

« — El-Rei morreu! — proseguiu elle. — Mas a Rainha é uma sancta. Vae ter com ella, e lembra-lhe a promessa de seu marido... Vae, minha filha... e que Nossa Senhora te guarde, e te acuda...

« A estas palavras meu pae fez um ultimo esforço para me beijar; e caíu sem vida.

« Chorei por muito tempo a morte de meu pae. Só no momento de o perder, comprehendi a grandeza da minha desventura. Vi-me só no mundo, e tive medo: tive dezejo de morrer tambem.

« Passados alguns dias, parti para Lisboa, acompanhada por Manuel, a quem a morte de meu pae tinha feito cair n'uma invencivel tristeza, e perder de todo as forças. Fui fallar á Rainha D. Luiza. Contei-lhe o que meu pae me tinha dito á hora da morte; e ella tratando-me com bondade, e consolando-me da minha desventura, mandou-me para o Convento de Sanct'Anna, com uma avultada tença.

« A vida triste e monotona do convento, diversa em tudo da existencia errante e variada que eu tinha tido até aos dez annos, em vez de transformar o meu caracter, não fez senão augmentar-lhe os defeitos; irritar a sensibilidade e exaltação que me dominava o espirito e me arrastava muitas vezes, em sonhos, para as ex-

travagantes regiões da phantasia. O meu maior prazer, no convento, era fugir de noite do claustro, e ir só passar horas inteiras na egreja. Foi então, nessas horas de solidão e de tristeza, que eu comprehendi a sublimidade da religião. Ajoelhada ao pé do altar de Nossa Senhora, esquecia-me inteiramente do mundo; a vida concentrava-se-me toda na oração, e arrebatada n'um extasis de amor infinito, sentia a minha alma unir-se aos espiritos do céu.

« Aos dezeseis annos eu era, diziam-n'o todas as freiras do convento, um modelo de perfeições e de formusura. Ignorava completamente o valor destes dotes externos: não tinha senão sentimentos religiosos, e a vaga esperança de encontrar um dia um espirito que comprehendesse o meu espirito, e se unisse com elle em vôos desvairados. Foi por este tempo que a Rainha mãe, a minha protectora, saíu do paço, para se ir encerrar na sua prisão, que assim se póde chamar a caza do Grillo, onde ella acabou os seus dias. El-Rei continuou a mandar-me ao convento a minha tença por Henrique Henriquez. Foi isto a causa da minha desgraça.

« Henrique Henriquez viu-me algumas vezes, e namorou-se apaixonadamente de mim. Um dia que estavamos sós, fez-me uma declaração de amor, exaltada e louca; e eu, em vez de o escutar, fugi delle, e fui-me queixar á prioreza. Este homem cruel jurou vingar-se de mim. Fallou a El-Rei, encarecendo-lhe os meus encantos; e El-Rei mandou immediatamente o seu criado particular, Manoel Antunes, buscar-me.

« Como El-Rei era o meu protector, e era por ordem da Rainha sua mãe, que eu tinha entrado no convento, a superiora não hesitou em me entregar ao criado d'El-Rei. Meteram-me n'uma liteira; e um quarto de hora depois estava no quarto de Sua Magestade.

« D. Affonso ama-me extremamente, adora-me como se eu fôra o *seu anjo da guarda;* nome que elle muitas vezes me dá. Não sabe, não póde resistir a nada do que lhe peço; e por isso é de mim que depende, talvez. . . a tranquilidade deste reino. — Ai! se não fosse o ciume, o eterno odio de Henrique Henriquez, talvez eu podesse ser feliz ainda! Mas receio tudo desse homem; e neste instante mesmo, Deus sabe que tremo de susto ao lembrar-me que a tua vida está em perigo, meu querido Francisco. . . »

— Tenho uma espada para me defender! — bradou o capitão levando a mão ao lado.

— A força de um homem não basta para resistir á furia dos da patrulha d'El-Rei. Eu estou guardada pela vigilancia de cem assassinos; sou captiva aqui. E se não fosse o muito que devo ao Conde de Castello-Melhor. . .

— Ao Conde! ao valido! — exclamou Francisco d'Albuquerque.

— O Conde é o meu protector.

— Ama-te, tambem? — perguntou o capitão com um gesto de cólera.

— Não; o Conde não me tem amor; mas quer-me muito, porque. . . — A Calcanhares cortou a fraze que lhe ía a escapar, e proseguiu depois dizendo: — Fr. Pedro de Sousa, o confessor d'El-Rei, e tio do Castello-Melhor, era o capellão do meu convento. É elle quem me aconselha e dirige; é um sancto homem que eu respeito, a quem obedeço como a pae.

— Esses homens sem alma, esses demonios maldictos sacrificaram-te á sua ambição! Tu não és só victima do ciume de Henrique Henriquez; és victima tambem do valido, que se serve de ti para melhor se sustentar no poder! Deshonraram-te aos olhos de todos. . .

— Pouco me importa agora o que o mundo pensa de mim — atalhou a Calcanhares. — Tu sabes que sou innocente. Tens fé nas minhas palavras; amas-me. . .

Os dois amantes cairam nos braços um do outro: e mil suspiros de amor murmurados apenas entre beijos e sorrisos de inefavel ventura, revelaram, como palavras o não poderiam fazer, os exaltados sentimentos que a ambos arrebatavam. Depois seguiram-se fallas incoherentes, frazes soltas cortadas por novos beijos, e que todas se podiam resumir n'uma só, singella sim, mas sempre sublime, quando é dita de coração « Amo-te! »

Este delirio de amor foi interrompido pela chegada da aia da Calcanhares:

— É quasi meia noite — disse ella da porta do camarim: — e não anda agora ninguem pela rua.

— São horas de nos separarmos — murmurou tristemente a Calcanhares pondo-se de pé.

— Já? — exclamou o capitão.

— Seria perigoso demorares-te mais. Adeus, Francisco! Em sendo possivel irei ter comtigo, ou mandar-te-hei chamar!

— Não póde ser amanha?

— Talvez não. Ama-me. O teu amor é a minha vida agora.

— Não me enganes?

— Duvidas de mim? — perguntou a Calcanhares assustada.

— Não; não, Margarida!

Depois de um terno e ultimo adeus, Francisco d'Albuquerque saíu de caza da Calcanhares, com a alma cheia de inextinguivel amor, e de fagueiras esperanças.

JOÃO DE ANDRADE CORVO.

(Continúa)

Com auctorisação do nosso collaborador, o Sr. Bulhão Pato, se publicam as duas seguintes poesias, já impressas em outros jornaes da capital.

ANJO, E VIRGEM.

308 Virgem, que era o que sentias
Quando ao vento desferias
Essas frouxas harmonias
De um incerto murmurar?
Virgem, que era o que sentias
Teu santo seio agitar?

Achavas o mundo um ermo,
Onde ao coração enfermo
Dos horisontes sem termo
Não vinha uma aura de amor?
Achavas o mundo um ermo,
Fertil só de fel e dor?

Ou teu suspirar sentido
Era por vêr desmentido
De amor o sonho querido,
Que sonhaste, alma gentil?
Ou teu suspirar sentido
Foi dor ligeira, infantil?

Era o teu anjo innocente
Que passára mansamente
A sorrir divinamente,
Mas que outra vez não volveu?
Era o teu anjo innocente,
Que víras subir ao céu?

E ficaste pensativa
Sobre esta terra captiva
D'esperança, e d'amor esquiva,
Coberta com véu de dó;
E ficaste pensativa
Ao ver-te perdida e só.

Oh! esse tenue gemido
Do seio teu despedido,
Qual anhelito sumido,
Que a morte veio cortar,
Oh! esse tenue gemido,
Que não podeste occultar,

Foi longo adeus de saudade
Aos dias da tenra edade,
Que envoltos na eternidade,
Ligeiros viste fugir.
Foi longo adeus de saudade
Ao teu primeiro sorrir!

Do céu á terra baixaste,
E quando nella te achaste,
Tristemente suspiraste
Ao ver-te perdida e só.
Do céu á terra baixaste,
Á terra de pranto e dó.

Virgem, virgem, mal pensavas,
Quando triste suspiravas,
E n'um gemido enviavas
Longo e doloroso adeus;
Virgem, virgem, mal pensavas
Que eras um anjo de Deus.

BULHÃO PATO.

MORENA.

Qui pourrait dissiper tes chagrins nébuleux?
V. Hugo — Orient.

309 Porque choraste, Morena?
Que te dá tamanha pena?
Tão triste nunca te vi!
Como tens a côr perdida!
Que foi, dize-me, qu'rida?
Não te receies de mi.

— Ao passar do Guadalete
Perdi o meu bracelete,
Que minha mãe me legou.
No dia do seu noivado
Em prenda lhe fôra dado,
Em prenda a mim o deixou.

Feitiços creio eu agora
Tinha aquella negra hora

Para tal me acontecer.
Levava-o preso no braço,
Bem preso com fêcho d'aço;
Como o podia perder?

— Póde ser que o *feiticeiro*
Tivesse justo o barqueiro
Para essa prenda roubar;
Que ella era quem te livrava,
Que o feitiço não deixava
O teu corpo enfeitiçar.

— A Virgem seja commigo.
Que fiz para tal castigo?
Em que peccado a tentei?
Deus seja co'a minha vida,
Por me não ver eu perdida
Do mando da sua lei.

— Não chores assim, Morena!
Não vale tamanha pena,
Não creias em tal desar.
Se eu trouxer teu bracelete
Perdido no Guadalete,
Em paga que me has de dar?

Desses teus labios de rosa
Não desprendes, amorosa,
Um sorriso para mim?
Não me respondes, fallando;
Os negros olhos baixando,
Callada, dizes que sim?

Quem calla diz que consente:
Pois então, minha innocente,
O bracelete aqui está.
E a paga que prometteste,
Que, sem fallar, me disseste,
Morena — paga-m'a já.

BULHÃO PATO.

MEMORIAS D'UM DOIDO.

CAPITULO VII.

Para que serve uma camelia?

(Continuado de pag. 302.)

310 A Viscondessa estava em uma prodigiosa animação. Vasava, ás mãos cheias, os encantos do seu espirito. Nunca lhe apparecêra nos labios um sorriso mais seductor, nunca se lhe lêra nos olhos uma expressão mais sentimental. Umas vezes, deixava voar as palavras e os gestos com incrivel rapidez, e parecia devorar o tempo, na precipitação nervosa dos movimentos: outras vezes, entregava-se á languidez, e ao abatimento, e dir-se-hia que repetia as palavras com o halito embalsamado.

Mauricio vinha com o peito abrasado de odio, com a imaginação torturada de desejos. Pallido, com os cabellos soltos, com a mão escondida no peito, a sua apparição parecia ser um protesto contra a louca vivacidade daquelle baile opulento.

Encostado á umbreira da porta, o seu olhar pairava incerto por todos aquelles grupos, como uma ameaça silenciosa, e solitaria. Se Deus lhe desse as forças de Sansão, de certo que faria desabar a columna do Templo sobre os philisteos, que escarneciam a sua dôr, nas pompas de uma alegria feroz.

A Viscondessa sentia aquecer-se-lhe o sangue ao ver aquella melancolia, que denunciava completamente uma paixão verdadeira. Passando rapidamente pelo logar aonde elle estava, deixou cair uma camelia do ramalhete.

Mauricio teve por um momento o desejo de beijar aquella pobre flor abandonada, de a aquecer ao coração, para depois a desfolhar, e pizal-a aos pés com despreso: mas não pôde ser superior ao desejo de se approximar da Viscondessa com um motivo justificado; apanhou a flôr, e foi offerecer-lh'a.

A Viscondessa estava já preparada para aquelle desenlace adivinhado pela sua experiencia. Retirára-se para uma sala mais affastada, e deixára-se cair com fingido desalento sobre um sophá.

Encostando morbidamente a cabeça á mão, baixando os olhos com affectado cansaço, parecia fugir á agitação do baile, e repousar em uma meditação poetica.

— Aqui tem, minha senhora, a camelia que deixou caír ha pouco! — disse Mauricio.

— É vermelha! É um signal de guerra que me traz? — Respondeu a Viscondessa, pegando na flôr.

— É côr de sangue! Se fosse branca, era um simbolo de innocencia.... — Repetiu Mauricio com pronunciada intenção.

— E podia ser?.... O soffrimento purifica as mais profundas paixões! — repetiu ella com intonação melancolica.

— Mas ha paixões que se não desvanecem com lagrimas.... bradou Mauricio com voz tremula — e ha crimes que se não apagam, nem mesmo com a penitencia, — accrescentou elle em tom baixo e como fallando a si mesmo.

A Viscondessa empallideceu ao ouvir aquellas palavras. Depois, olhou-o fitamente, e como para indagar se lhe era possivel tentar a lucta. Sorriu-se satisfeita: tinha certa a victoria.

— Chorar! Para que val chorar, se não está de todo morta a esperança?....

— E quando se teme a propria felicidade? Quando um homem se atterra perante as delicias da posse — quando teme aspirar o halito que o embriaga, olhar os olhos que o seduzem, sentir os beijos que o endoidecem? Quando em vez de unir ao peito a flôr que reviveu ás pulsações precipitadas do coração, que ancêa possuir, teve o pensamento de a atirar aos passos descuidosos da multidão que dançava?

— De véras, teve esse pensamento? — perguntou a Viscondessa com uma graciosa ironia.

— E porque não? Não ha ás vezes um presentimento que diz ao viajante que não deve adormecer á sombra da arvore *mancenilha*, porque é mortifero o perfume das suas flores?

— É poetica a comparação; mas não costumo fazer morrer os que se approximam de mim! — Era um máu costume, não acha? — insistiu a Viscondessa com dobrada ironia.

— Oh! minha Senhora — exclamou Mauricio, dominado de desespero, — não ha no seu passado uma pagina que está vermelha de sangue, como a côr dessa camelia, que ainda ha pouco lhe offereci? Eu não sei se ella tinha a côr da guerra, como disse ha pouco, mas deveria ser a imagem do remorso!

— É uma accusação que me faz, a que não posso responder com o sorriso nos labios — exclamou a Viscondessa olhando-o com os olhos frios de severidade — é uma accusação feita a uma mulher, na sua propria caza, quando ella esperava em vez de expressões amargas, ao menos uma palavra de consolação! É que o amo, amo-o desde que o vi — bradou ella com fingida exaltação — é que não posso revoltar-me contra uma suspeita injuriosa, e só posso soffrer em silencio mais esta decepção inesperada!

Mauricio quisera fechar os olhos para a não vêr, tapar os ouvidos para a não ouvir, cerrar os labios para não respirar o perfume daquellas palavras. E não pôde, caíu ao seu lado, e chegou á bocca as tranças abandonadas do seu cabello.

— É um beijo de paz esse? — perguntou a Viscondessa com um tom de voz indefinivel de seducção.

Mauricio teve forças para se levantar em pé, para dominar os seus sentidos abrasados; as palavras de D. Affonso soaram-lhe ao ouvido, severas e solemnes, como elle as havia proferido.

— Affastemo-n'os um do outro — respondeu Mauricio com tristeza — entre nós não póde haver odio, nem affecto, só deve existir o esquecimento!

— O esquecimento?.... — repetiu a Viscondessa com abandono apaixonado — quem é que póde dizer ao coração que se esqueça, e arrancar ainda viva da alma a esperança d'um amor elevado?

— E quem é que póde crêr nas promessas, que se esquecem no dia seguinte, e crêr nos juramentos desmentidos pela propria bocca que os proferiu?

— Oh! — disse a Viscondessa mudando de tom — houve alguem que me quiz calumniar a seus olhos, que desfigurou o meu caracter, que envileceu o meu coração: depois do baile peço-lhe alguns instantes para justificar-me. Recusa?

— Acceito!

LOPES DE MENDONÇA.

(Continúa.)

NOTICIAS E COMMERCIO.

ACTOS OFFICIAES.

1 a 9 de Fevereiro.

DIARIO N.° 28.

311 Relatorio da Commissão de inquerito da Alfandega do Porto.

DITO N.° 30.

Proposta de Lei sobre a Imprensa.
Estatistica da Presidencia da Relação de Lisboa.

DITO N.° 31.

Resumo da amortisação de notas effectuada aos 4 de Fevereiro.

É a sua importancia de....	57:712$800 réis.
Notas amortisadas até ao dia 4 de Fevereiro de 1850.....	2.057:710$200 »
Notas em circulação.....	2.942:286$800 »

DITO N.° 35.

Estado do Banco de Portugal em 31 de Janeiro de 1850.

Notas do Banco de Portugal em circulação.....	601:930$000	réis.
Depositos — moeda metalica.	504:642$878	»
Numerario metalico em caixa	1.144:009$318	»
Prata além do dito numerario	6:677$200	»

RARO PHENOMENO ATMOSPHERICO.

312 Caiu ultimamente um raio em os Estados-Unidos da America (na Carolina Septentrional) que trouxe comsigo varios pedaços de ferro; e maior pezou 19 arrateis, penetrou na terra perto de cinco palmos, depois de destroçar uma arvore corpulenta. A formação de tamanho volume de ferro na atmosphera tem dado tratos á imaginação dos chimicos e naturalistas daquelles estados.

NEVES EXTRAORDINARIAS.

313 O *Catalan*, diario de Barcelona, extractando a correspondencia de muitas localidades do principado, refere que tem gelado os principaes e mais caudalosos rios que correm entre as picturescas serranias daquellas provincias. Em diversas partes atravessa-se o Ebro e do mesmo modo o Segre a pé enxuto por cima do gêlo.

Tambem o ameno clima da Italia houve parte nos rigores do inverno, pois que não só as campinas de Roma e Florença estão cobertas de neve, mas até a cidade de Napoles e collinas immediatas.

PESCARIA NA ESCOCIA.

314 Cada vez é mais consideravel a importancia das pescarias na Escocia. O seu producto total no anno ultimo foi de 995,345 barris de arenques; a pesca do *bacalháu do norte* elevou-se a 364,961 quintaes. Empregam-se neste exercicio 15,062 embarcações e 60,364 homens. As salgas occuparam 97,477 pessoas.

ULTIMAS NOTICIAS DA CALIFORNIA.

315 Eis o extracto da carta de um capitão de navios de Nantes dirigida a negociantes daquelle porto.

« Pela vossa carta de 10 de julho vejo que não estais ao corrente do que se passa na California. Ordenaes a venda do navio, mas não por menos de 150,000 francos. Dir-vos-hei que actualmente se vendem aqui navios novos e até da primeira viagem, de 1,000 a 1,200 toneladas, pelo preço de 4,000 a 5,000 piastras. Vi vender por 1,000 piastras uma baleeira de 600 toneladas, aparelhada para a pesca, e nova inteiramente, que só aqui veio largar passageiros, com tenção de seguir viagem para o noroeste da America.

Estes navios são alados para a terra onde vem servir de armazens.

De vinte embarcações, de bandeiras diversas, surtas agora na bahia, dois terços não tem folego vivo a bordo, e a outra terça parte apenas conserva alguns homens de sua equipagem. Logo que fundeam, a marinhagem quasi que não se dá ao trabalho de ferrar o panno, tanta é a pressa de desertar. E os marujos não desertam para as minas; vão navegar em barcos de cabotagem pelos rios, o que lhes é muito mais rendoso.

Posto que haja grande abundancia de oiro, não se pense que se extrae com pouco trabalho e sem riscos. Ao contrario; de cada dezena de trabalhadores das minas, pelo menos morre metade: as febres e dysenterias fazem extraordinaria devastação; e não póde deixar de ser assim, estando aquelles homens mettidos quasi sempre na agua para a lavagem do mineral, dormindo sobre a dura terra, sem abrigo, expostos aos nevoeiros cerrados, frequentes nesta região; accresce-lhes o abuso das bebidas espirituosas, e o uso da carne salgada, seu alimento quasi unico.

Só os recem-chegados vão para as minas: depois de lá passarem alguns mezes, voltam enfermos, exhaustos pelas fadigas; então buscam na cidade trabalho que nunca falta. Toda a gente acha em que se occupe; e por isso as obras feitas ha coisa de um anno parecerão fabulosas; só americanos nortistas são capazes de fazer tanto. Eu esperava achar uma pinhota de barracas de lona ou de madeira, assentadas ao acaso. Enganei-me. S. Francisco é uma cidade de 600,000 almas, bem arruada, com as cazas em linha recta; para o que se tem posto em pratica trabalhos de atterros e nivelamentos de toda a especie. Lojinhas, e armazens assaz pequenos arrendam-se por 600, 800, 1,000 piastras ao mez; os terrenos vendem-se a 90 piastras cada pé quadrado.

É por esta rasão que vemos individuos que para cá vieram o anno passado sem nada ou com muito pouco de seu, desfructarem hoje um rendimento de 5 a 6 mil piastras por mez. A origem de todas estas fortunas provém dos terrenos. A especulação em mercadorias enriquece poucos: estão empilhadas na rua fazendas e generos de toda a casta, expostos ás chuvas e ao sol, sem que ninguem lhe importe com isso, e até ás vezes ignora-se o dono dellas: são coisas incomprehensiveis, é preciso presenciar os factos para formar cabal idéa do que se passa nesta terra. Parece que nos achamos no meio de uma grandissima feira, onde todos andam em continuo gyro sem cuidarem mais que nos seus negocios.

A bulha dos carros e dos martellos, o borborinho da gente é capaz de ensurdecer; ninguem se entende com o ruido. Não obstante o immenso movimento vive-se em tranquillidade; reina a maior segurança pessoal no paiz; não se commettem roubos nem assassinios; póde transitar-se a toda a hora sem receio. Houve, é certo, varios crimes no principio da exploração; mas os anglo-americanos com a sua justiça expedita enforcaram os delinquentes, e d'ahi por diante desappareceram os delictos.

Além da cidade de S. Francisco, ha quatro que se estão edificando mais perto das minas; avultam tanto as obras que já ha falta de operarios; os carpinteiros ganham por dia 12 piastras. Por tanto se continuar a achar-se o metal aurifero por mais dois annos, o que

não offerece duvida, esta região será destinada a um futuro incalculavel.

Ha poucos dias que as fazendas sobre tudo de França, melhoram de preço. Os vinhos estão agora muito caros, ao contrario das aguardentes, que tem pouco valor: mas em nada se póde fazer firmesa, porque é grande e rapida a fluctuação de preços. A farinha que ainda não ha 15 dias se vendia a rasão de 5 piastras, hoje está por 16 e 18 ditas; quem trouxesse agora do Chili algumas porções deste genero fazia muito bom negocio.

Os pagamentos fazem-se todos á vista, e pela maxima parte em oiro em pó: só a alfandega exige moeda cunhada, que é rara. O preço corrente de uma onça de oiro regula por 16 piastras.

ESCHOLAS EM HISPANHA.

316 Ha na Hispanha 15,640 escholas, numero que relativamente á população é de uma eschola por 171 visinhos. Destas são 283 de ensino superior frequentadas por 23,449 alumnos, 7,847 são elementares completas e contam 436,941 discipulos e 7,510 incompletas que tem 203,221 ditos.

Dos mestres ha 6,847 com diploma e 5,937 sem elle, e mestras 1,341 com diploma e 1,261 sem este titulo; sendo para lamentar que ainda haja nada menos de 5,740 professores, que além do magisterio carecem de outro exercicio para sua subsistencia.

Na maior das aulas segue-se o methodo de ensino simultaneo; em 1,227 adoptou-se o methodo Lancasteriano.

A relação total do numero de almas da população do reino e dos discipulos concurrentes ás escholas é de 1 para 17.

EXTRACÇÃO DOS JORANES HISPANHOES.

317 Os periodicos de Madrid que tem maior quantidade de subscriptores nas provincias, são a *Esperanza*, o *Clamor*, e o *Heraldo*, cada um dos quaes expede pelos correios uma porção de numeros que peza tres a quatro arrobas. Segue-se a *Espanha*, a *Época*, a *Nacion*, e a *Reforma*; desde duas arrobas e meia que levam aos correios a primeira, e duas a *Época* e a *Reforma*, até uma arroba e vinte libras que expede a *Nacion*. Os immediatos são o *Popular* e o *Pueblo* que se aproximam ás duas arrobas, o *Paiz* que remette uma arroba e sete libras, e o *Catolico*, a *Patria*, o *Observador* que não chegam á arroba.

Á frente da subscripção em Madrid figuram o *Heraldo*, o *Clamor*, e o *Observador*.

O *Heraldo*, o *Clamor*, e a *Esperanza* imprimem de ordinario oito a dez resmas de papel o que equival a quatro ou cinco mil numeros: o *Observador* vem a imprimir a mesma porção, posto que não ha muito tempo tirava muitos mais exemplares, a *Espanha* tira 2,300 a 2,500, a *Nacion* e a *Reforma* de 2,000 a 2,300, a *Época* 1,400 da edicção da tarde e 600 da edicção da manhã, o *Popular* e o *Pueblo* 1,500, e aproximadamente egual numero o *Catolico*, o *Paiz* e a *Patria* imprimem 1,000 exemplares.

Destes jornaes o mais antigo é o *Catolico* fundado em 1840. O *Heraldo* começou em 1842, o *Clamor* em 1844, a *Esperanza* em 1845, e todos os mais contam apenas um ou dois annos de existencia.

RESTAURAÇÃO DE UM QUADRO CELEBRE.

318 Escrevem de Vicencia (reino Lombardo-Veneziano) o seguinte em data de 29 de Dezembro preterito.

Os jornaes deram noticia de ter sido despedaçado ás cutiladas pelos soldados austriacos, na occasião de assalto da nossa cidade, o quadro de Paulo Veronese representando «Christo em traje de peregrino á meza de S. Gregorio Magno.» — Felizmente conseguiu-se recuperar os pedaços do painel lacerado, que são 7 e tracta-se já de restaurar esta bella obra, que os entendedores reputam ser a mais primorosa do pincel do Veronese.

PRAÇA DE LISBOA.

Em 13 de Fevereiro.

319 Fundos publicos de 5 por cento 53 a 54. — Acções do Banco de Portugal 425$000 a 430$000 rs. — Desconto de Notas, 920 por moeda.

Cereaes em 13 de Fevereiro.

Trigo do reino rijo . . .	de 340 a 440	réis	a bordo.
» » molle .	de 400 a 450	»	»
» da ilha.	de 345 a 400	»	»
Milho do reino.	de 230 a 240	»	»
» da ilha.	de 200 a 205	»	»
Cevada do reino.	de 190 a 200	»	»
» da ilha	de 170 a 180	»	»
Centeio do reino	de 210 a 215	»	»

Estado do mercado, em 13 de Fevereiro.

Algodão de Pernambuco 110 a 125 rs. — Dito do Maranhão 115 a 120 rs. — Dito da Bahia 110 a 115 rs. — Pequenas vendas para o consumo

Assucar de Pernambuco B. novo 1$350 a 1$500 rs., dito velho 1$200 a 1$350 rs., — Do Rio dito 1$300 a 1$350 rs. — Da Bahia dito 1$250 a 1$350 rs. — Das Alagôas dito 1$150 a 1$200 rs. — Do Pará, bruto 800 a 950 rs. — Mascavado novo 1$050 a 1$100 rs., dito velho 800 a 1$000 rs. — Limitam-se as vendas tão somente para o consumo.

Cacáu 1$750 a 1$800 rs. — Effectuaram-se mais algumas vendas.

Caffé do Rio — 3$200 a 3$600 rs. — Continúa a ser procurado para reexportar.

Cêra de Angola B. 265 a 270 rs. — Dita A. 250 a 252 rs. — Houve vendas para embarque.

Marfim de lei 960 a 1$200 rs. — Dito meão 830 a 850 rs. — Dito escravelho 550 a 650 rs. — É procurado, principalmente a qualidade de lei.

Urzella 6$200 a 6$400 rs. — Tem-se effectuado algumas vendas para reexportar.